

Livros

O anti-americanismo, como combatê-lo?

Bruno Cardoso Reis

Duas obras de origem francesa analisam os mitos e as realidades subjacentes ao anti-americanismo, particularmente em França. Mais do que em factos reais, é sobretudo em profundas raízes ideológicas e culturais que se funda o anti-americanismo, sendo por essa razão pouco permeável à mudança.

Jean-François Revel - L'obsession anti-américaine. Son fonctionnement, ses causes, ses conséquences, Paris, Plon, 2002.

Philippe Roger - L'Ennemi américain : Généalogie de l'antiaméricanisme français, Paris, Seuil, 2002.

Jean-François Revel é um homem que se habituou a desagradar a gregos e a troianos (veja-se a sua famosa obra dos anos 70 - Ni Marx ni Jésus). No caso do anti-americanismo a sua posição é clara - recusa tanto a idealização dos EUA como a sua demonização. Nesta obra, procura fazer um balanço tão factual tanto possível do «Estado da União», balanço que acaba por ser essencialmente positivo, justificando o tom polémico face à «Lenda Negra» prevacente, de forma mais ou menos explícita, na Europa, e particularmente em França, face ao potentado norte-americano.

L'obsession anti-américaine de Revel parte da concepção de que o anti-americanismo consiste numa reserva a priori relativamente a tudo o que é norte-americano, e que leva a uma recusa do conhecimento da realidade americana para melhor se poder continuar a defender preconceitos negativos. Revel encarrega-se, neste quadro, da tarefa extremamente útil de confrontar os mitos com as realidades, ou seja, a retórica anti-americana com os números, os factos e também com as insuficiências relativas das sociedades europeias, particularmente da França, nos campos onde abundam críticas frequentemente injustas contra os EUA, seja por estarem fora de contexto, seja por ficarem muitas vezes à margem dos factos.

É o que faz, por exemplo, relativamente à questão da integração e discriminação racial - que confronta com o facto de a qualidade de vida dos negros norte-americanos ter

melhorado substancialmente nas últimas décadas, para não falar do muito maior sucesso da América na integração de numerosos e diversificados grupos de imigrantes, que experimentam uma progressão socio-económica muito mais rápida do que é vulgar na Europa. Mas também com os ataques ao «falso» pleno emprego norte-americano - é certo que muitas vezes com salários baixos, mas com pobres bem mais «ricos» do que os seus «congêneres» europeus e uma mobilidade regional, laboral e social que tem lados positivos e não apenas negativos, face à maior rigidez europeia. Nestes casos, como noutros, Revel confronta alguns dos argumentos fundamentais da retórica anti-americana, sem ignorar os lados mais negativos da experiência norte-americana, como o controlo de armas ou a saúde.

Se Revel assume com brio o papel do polemista num texto de uma centena de páginas, já Philippe Roger - investigador no CNRS com uma dupla filiação de semiólogo da linha de Roland Barthes (portanto dedicado a desmontar as mitologias contemporâneas) e de historiador das mentalidades - se dedica nas extensas 600 páginas da sua obra a traçar o percurso do anti-americanismo francês.

O anti-americanismo em França é apontado por Roger como excepcional precisamente pela sua riqueza e virulência (sem dar a impressão, no entanto, de que a afirmação assenta em algo mais do que uma impressão - o anti-americanismo espanhol, por exemplo, será menos virulento?). O que ele vê como tanto mais estranho quanto a França nunca travou uma guerra com os EUA, nem teve conflitos fundamentais a nível de política externa com essa potência - a nível diplomático é costume, desde De Gaulle, abundar o fumo mas escassear o fogo. Em todo o caso não há dúvida de que esta é uma obra que faz justiça a essa riqueza e à distinta genealogia do anti-americanismo francês. Um elemento a reter, frequentemente esquecido e que ajuda a explicar determinados atavismos, é o facto de o anti-americanismo ideológico começar por ser um fenómeno de direita, com De Maistre e outros pensadores tradicionalistas a darem o tiro de arranque.

Se a esquerda liberal começa por ver nos EUA um modelo - um verdadeira Terra Prometida, como a oferta da Estátua da Liberdade pela jovem III República Francesa, no final do século XIX, comprova - o anti-americanismo acaba por se estender a esta área política quando começa a ser cada vez mais dominada, a partir da viragem do século XIX para o século XX, por correntes anti-capitalistas, que partilham com a direita reaccionária a abominação face ao fervor desenvolvimentista dos cada vez mais ricos norte-americanos. O anti-americanismo, porém, cedo adquiriu também uma tonalidade cultural

em França – a rejeição do suposto carácter básico da «cultura» americana face à sofisticação europeia, que está já presente em passagens de Stendhal ou Baudelaire, e sintetizado na história da velha senhora inglesa que pressionada por um jovem americano a dizer o que existia afinal de tão distinto entre os EUA e a Grã-Bretanha, teria respondido: «Civilization, my dear, Civilization!»

O crescendo da influência norte-americana a todos os níveis e a uma escala global, ao longo do século XX, levou a uma crescente importância do anti-americanismo na paisagem intelectual e política de França, de Sartre a Céline, de Maurras a De Gaulle, com Raymond Aron, praticamente sozinho, a procurar sustentar a corrente. Mesmo as intervenções militares norte-americanas ao lado da França, fundamentais para a vitória na I Guerra Mundial e para a sua libertação da ocupação alemã na II Guerra Mundial, não parecem ter dado origem a mais do que um breve «namoro».

A «hiperpotência» dos norte-americanos - um termo, não por acaso, de cunhagem francesa - é, para ambos os autores, uma explicação fundamental do peso e virulência do anti-americanismo em França. Os EUA foram, afinal, um país que a França ajudou a criar - a aliança militar entre Luís XVI e as 13 Colónias rebeldes foi fundamental para o desfecho da Guerra da Independência - na esperança de nele encontrar um aliado fiel contra a Grã-Bretanha. Não por acaso, Roger situa a raiz do fenómeno do anti-americanismo francês no tema da ingratidão dos EUA, que emerge logo no final do século XVIII. Mas esta «criação francesa» nas selvagens Américas, de forma inexplicável para muitos mas imparável, assumiu a liderança global, a todos os níveis, a que a França aspira.

Aliás, certamente não é um acaso que todas as grandes potências globais, da Espanha nos séculos XVI e XVII, à Grã-Bretanha nos séculos XVIII e XIX, até aos Estados Unidos no século XX se tenham vistos envolvidos nalguma forma de «Lenda Negra». O sucesso extraordinário e o poder desmesurado raramente deixam de atrair invejas e insatisfações.

Nenhum dos autores, por outro lado, presta grande atenção, o que é compreensível dada a natureza das suas obras, a um elemento conjuntural que, no entanto, parece também merecedor de consideração – as variações ao nível da presidência norte-americana e das respectivas opções políticas com impacto externo. Se o governo norte-americano não são os Estados Unidos - e Revel insiste, como todos os analistas rigorosos da América, na enorme diversidade que coexiste no interior desse vastíssimo país-continente - a verdade é que constitui a sua face pública mais visível.

Ora, quando a Casa Branca é morada de figuras que parecem encarnar, aos olhos de muitos no resto do mundo - com justiça ou sem ela -, algumas das facetas mais criticáveis dos EUA – pensemos nos casos de Richard Nixon, Ronald Reagan e agora, George W. Bush – o crescendo de críticas ao governo norte-americano tende a favorecer o crescimento do anti-americanismo propriamente dito, assim como a sua visibilidade pública e militância. Por outro lado, importa distinguir essas críticas à actuação do governo americano, ou mesmo a determinadas facetas da vida nos EUA, do anti-americanismo propriamente dito. O contrário seria cair num anti-anti-americanismo tão primário e a priori quanto o anti-americanismo.

Frank Zappa, o famoso músico norte-americano, a dado momento declarou que não percebia por que é que só os cidadãos norte-americanos votavam nas eleições presidenciais americanas – uma vez que a Casa Branca estava sempre a tomar decisões fundamentais para outras partes do Mundo, todos deveríamos poder participar na escolha do Presidente dos EUA... Se se percebe que esta sugestão radical não tenha pegado, a verdade é que, mesmo se ela contribuísse para a redução do anti-americanismo, as raízes culturais e ideológicas profundas do anti-americanismo que Roger analisa em detalhe e Revel ataca com brio garantiriam que ele não desapareceria mesmo com remédios drásticos deste tipo.